

As relações entre ética, moral e educação escolar sob a ótica de Immanuel Kant: uma análise filosófico-pedagógica

The relation between ethics, morality and school education from the perspective of Immanuel Kant: a philosophical and pedagogical analysis

La relación entre la ética, la moral y la educación desde la perspectiva de Immanuel Kant: un análisis filosófico y pedagógico

Marcos Pereira dos Santos¹

¹Doutorando em Educação pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). Professor adjunto da Faculdade Sagrada Família (FASF), junto a cursos de graduação (bacharelado/licenciatura) e pós-graduação *lato sensu*, em Ponta Grossa - Paraná.

RESUMO

Este artigo tem como principal objetivo efetuar uma análise filosófico-pedagógica referente às relações existentes entre a tríade ética, moral e educação escolar, tendo como pano de fundo a obra intitulada *Sobre a pedagogia (Über Pädagogik*, em alemão), de autoria do filósofo iluminista Immanuel Kant (1724-1804). Para tanto, apresentamos, inicialmente, uma breve biografia e as principais concepções teóricas de Kant no campo da Filosofia e da Educação em geral. Em seguida, busca-se trazer a lume uma visão panorâmica da obra *Sobre a pedagogia*, dando destaque especial à abordagem kantiana acerca da *educação física* (cultura de educação do corpo físico) e da *educação prática* (importância da ética e da moral no contexto educativo escolar). Por fim, são realizadas algumas reflexões concernentes às imbricações filosófico-pedagógicas existentes entre ética, moral e educação escolar sob a ótica de Immanuel Kant, tendo em vista seus contributos para a vida em sociedade e o desenvolvimento do processo ensino-aprendizagem na escola dos dias atuais.

Palavras-chave: Ética. Moral. Educação escolar. Immanuel Kant. Filosofia da educação.

ABSTRACT

The goal of this article is to make a philosophical and pedagogical analysis regarding the relation comprising the triad of ethics, morality and school education. Its backdrop is the work entitled *On Pedagogy (Über Pädagogik*, in German), written by enlightenment philosopher Immanuel Kant (1724-1804). To this purpose, it is presented a brief biography and the main theoretical concepts of Kant in the field of Philosophy and Education in general. Then, it was sought to bring to light an overview of the work *On Pedagogy*, with special emphasis on the Kantian approach about *physical education* (culture of the physical body education) and *education practice* (importance of ethics and morality in the context of school education). Finally, some reflections are conducted concerning the philosophical and pedagogical impacts

between ethics, morality and school education from the perspective of Immanuel Kant, in view of his contributions to life in society and the development of the teaching-learning process in school today.

Key words: Ethics. Morality. School education. Immanuel Kant. Philosophy of education.

RESUMEN

Este artículo tiene como principal objetivo hacer un análisis filosófico-pedagógico sobre las relaciones existentes entre los miembros de la tríada ética, moral y educación escolar, con el telón de fondo de una obra titulada *Sobre la pedagogía* (*Über Pädagogik*, en alemán), cuyo autor es el filósofo iluminista Immanuel Kant (1724-1804). Por tanto, presentaremos inicialmente una breve biografía de los principales conceptos teóricos de Kant en el campo de la Filosofía y de la Educación en general. Entonces, se trata de sacar a la luz una visión general de la obra *Sobre la pedagogía*, dando especial énfasis al abordaje kantiano acerca de la educación física (cultura de la educación del cuerpo físico) y de la educación práctica (importancia de la ética y de la moral en el contexto educativo escolar.) Por último, se llevan a cabo algunas reflexiones acerca de las imbricaciones filosófico-pedagógicas existentes entre la ética, la moral y la educación escolar desde la perspectiva de Immanuel Kant, en cuanto a su contribución a la vida de la sociedad y el desarrollo del proceso de enseñanza-aprendizaje en la escuela de los días actuales.

Palabras-clave: Ética. Moral. Educación escolar. Immanuel Kant. Filosofía de la educación.

INTRODUÇÃO

Todo ser humano, indistintamente, apresenta noções de bem e mal ou de certo e errado; concepções essas oriundas de determinadas regras criadas e impostas pela própria sociedade de classes, com o objetivo de educar os homens para o seu estabelecimento de relações e convivência harmoniosa e equilibrada no meio social.

Desde a origem do mundo até os dias atuais, as ideias e discussões sobre *ética*, *moral* e *educação escolar*, direta ou indiretamente, sempre estiveram presentes nos modos de ser, fazer e sentir dos seres humanos. Paralelamente a isso, os questionamentos acerca de cada um desses conceitos e suas possíveis conexões também permearam o imaginário de homens, pensadores, sociólogos, filósofos, historiadores, educadores e pesquisadores ao longo de toda a história da humanidade.

Nesse sentido, o presente artigo busca efetuar uma análise filosófico-pedagógica acerca das relações existentes entre a tríade ética, moral e educação escolar, tendo como pano de fundo a obra intitulada *Sobre a pedagogia – Über Pädagogik*, em alemão – (KANT, 1790), de autoria do filósofo iluminista Immanuel Kant (1724-1804).

Vale destacar que a escolha da supracitada obra como fio condutor de nossas reflexões deve-se ao fato de ser considerada, de acordo com Zingano (1989), uma das maiores teses científicas de Kant versando sobre educação. É uma obra que aborda um

conjunto de preleções escritas sobre a inspiração do filósofo suíço Jean Jacques Rousseau (1712-1778) dentre outros pensadores iluministas, as quais foram posteriormente editadas por um ex-estudante chamado Friedrich Theodor Rink (discípulo de Kant) e publicadas, pela primeira vez, no ano de 1803.

Esperamos assim, que as reflexões aqui apresentadas possam contribuir para a ampliação do arcabouço teórico concernente à temática em pauta e servir de valiosa fonte de estudos e pesquisas científicas para pedagogos, educadores, professores e licenciandos das áreas de Pedagogia, Filosofia, História e Ciências Sociais, bem como para os demais profissionais do ensino que se dedicam ao estudo das Ciências da Educação em geral.

Immanuel Kant (1724-1804): breve biografia e principais concepções teóricas

Kant nasceu em Königsberg – hoje Kaliningrado –, uma pequena cidade alemã situada a oeste da Prússia (atualmente território russo). Filho de um humilde artesão, Immanuel Kant estudou na universidade local, da qual se tornou brilhante professor e, posteriormente, reitor. Pequeno e frágil, Kant levou uma vida extremamente metódica, sem grandes acontecimentos histórico-sociais. Nunca se casou e, apesar de se tornar internacionalmente famoso ainda em vida, jamais saiu de sua cidade natal até o seu falecimento.

Immanuel Kant é considerado o maior filósofo alemão da Idade Moderna (1453-1789) e o principal pensador do período histórico conhecido como “Ilustração”, que pode ser expressa como a maior revolução intelectual que se efetivou na Europa, especialmente na França, durante o século XVIII, apresentando, assim, marcante influência na história do pensamento humano. Segundo Kant (1784, p.37), o movimento das ideias, que se chama, na Alemanha, *Aufklärung* (“Esclarecimento”) e, na França, “Idade das Luzes” ou “Iluminismo”, pode ser conceitualmente definido da seguinte forma:

O Esclarecimento [*Aufklärung*] significa a saída do homem de sua menoridade auto-imposta, da qual o culpado é ele próprio. A menoridade é a incapacidade ou inabilidade de o homem fazer uso de seu entendimento sem a direção de outro indivíduo (guia). O homem é o próprio culpado dessa menoridade auto-imposta se a sua causa não

estiver na ausência de entendimento, mas na ausência de decisão e coragem de servir-se de si mesmo sem a direção de outrem. *Ouse saber!*¹

Com base nessa ousada definição de Esclarecimento, Kant desenvolveu toda a sua pedagogia filosófica em torno de cinco obras principais: *Prolegômenos a toda metafísica futura* (1783), *Fundamentos da metafísica dos costumes* (1785) e *Sobre a pedagogia* (1790) – *Über pädagogik*, em alemão –, resultado de anotações das aulas ministradas na Universidade de Königsberg, Alemanha. Mas, a importância que Kant atribuía à educação encontra-se fundamentada em duas obras clássicas: *Crítica da razão pura* (1780), na qual desenvolve a crítica do conhecimento, e *Crítica da razão prática* (1788), na qual faz uma análise sobre a questão da moralidade, da conduta humana.

No livro em que trata da crítica do conhecimento, por exemplo, Kant retoma o debate entre os racionalistas – representados por René Descartes (1596-1650) – e os empiristas Francis Bacon (1561-1626) e John Locke (1632-1740). Ao examinar a insuficiência das duas correntes filosóficas, o referido filósofo elabora uma teoria idealista que investiga o valor dos conhecimentos a partir da crítica das possibilidades e dos limites da razão humana.

Kant condena os empiristas, segundo os quais tudo o que conhecemos é resultado dos sentidos humanos, e não concorda com os racionalistas, para os quais tudo o que pensamos vem de nós mesmos (KANT, 1780). Para o filósofo iluminista supra-aludido, o conhecimento experimental é um composto do que recebemos por impressões e do que a nossa própria faculdade de conhecer a si mesmo tira, por ocasião de tais impressões. Ou seja, o conhecimento humano é a síntese dos conteúdos particulares dados pela experiência e da estrutura universal da razão (a mesma para todos os homens).

Decorre desse raciocínio que o homem não realiza espontaneamente a lei moral, mas a moralidade resulta da luta interior entre a lei universal e as inclinações individuais.

¹ A versão original desta afirmação, no idioma francês, é a seguinte: La Clarification [*Aufklärung*] signifie que la sortie de l'homme de sa minorité auto-imposées, d'oùle coupable est lui même. La minorité est l'insuffisance ou l'incapacité de l'homme d'utiliser sa compréhension sans la direction d'u nautre individu (guide). L'homme est le coupable de cetterminorité auto-imposé si votre question n'est pasen l'absence d'accord, mais en l'absence de décision et de courage pourutiliser une self est sans la direction d'autrui. *Sapere aude!*

Assim, a verdadeira ação moral, como resultado de um ato de vontade, tem por fundamento a *autonomia* e a *liberdade*. Nesse contexto, pode-se dizer que a ação moral é autônoma porque o homem é o único ser capaz de se determinar segundo leis que a própria razão estabelece, e não conforme leis dadas externamente, como na heteronomia. “Para que seja possível a vida moral autônoma, faz-se necessário partir do pressuposto da liberdade da vontade” (ARANHA, 1996, p.124).

Em relação ao campo educacional, é interessante destacar que Kant e outros eminentes filósofos, a exemplo de Jean Jacques Rousseau (1712-1778) e Johann Friedrich Herbart (1776-1841), ocuparam importantes cátedras de pedagogia, desenvolvendo, assim, muitos escritos sobre a teoria da educação. Sendo enormemente influenciado pelas ideias de Rousseau, Kant exerceu, como preceptor, inúmeras atividades educativas. Sua contribuição pedagógica é, grosso modo, puramente teórica e, de certa forma, idealista.

Admirador entusiasta da obra *Emílio ou Da Educação*, de autoria de Rousseau (1762), e do filantropismo, Kant concebia que a educação tinha por tarefa desenvolver as faculdades humanas mediante a própria razão, mas o fim supremo da pedagogia seria a formação do caráter moral que permite cumprir retamente o destino individual e social do homem. Estudos desenvolvidos por Arroyo (1974, p.172) revelaram que os meios conducentes a tão alto propósito eram, em suma,

[...] a *disciplina*, que ensina a dominar as tendências; a *formação*, que educa conforme as regras da didática; a *moralização*, que mostra a consciência do dever e ensina a cumpri-lo; e a *civilização*, que dá segurança social e experiência do mundo.

Além disso, Kant considerava os problemas educacionais como sendo os mais graves e difíceis que a humanidade poderia ter diante de si. Para ele, a educação não era um problema, mas o problema. Por isso, afirmava que “o homem não é outra coisa senão o que a educação faz dele. Na educação se oculta o segredo da perfeição humana”² (KANT, 1766, p.72). Isso implica afirmar que o homem se educa pelo desenvolvimento

² Em francês, a versão original é: “L'homme n'est pas autre chose que ce que l'éducation fait de lui. Dans l'éducation si se cache le secret de la perfection humaine”.

próprio e ativo da consciência, propondo a si mesmo seus ideais (autonomia) e reconhecendo o direito dos demais indivíduos de cultivarem-se também livremente.

Kant e a obra *Sobre a pedagogia: uma visão panorâmica*

A célebre obra intitulada *Sobre a pedagogia* (*Über Pädagogik*, em alemão), de autoria do filósofo iluminista Immanuel Kant (1724-1804), foi traduzida para o idioma português por Francisco Cock Fontanella e está dividida em três partes distintas, a saber: 1ª) *introdução*, apresentando uma visão geral dos diferentes tipos de educação existentes na sociedade; 2ª) *educação física*, retratando a cultura de educação do corpo físico; e 3ª) *educação prática*, abordando questões referentes à ética e à moral no contexto educativo escolar (KANT, 1790).

Na obra supracitada, o autor afirma que a única criatura a ser educada no mundo é o ser humano, uma vez que os animais (irracionais) não precisam de coisas a mais do que alimento e cuidados. O filósofo iluminista alemão faz também uma distinção entre *disciplina* e *instrução*, salientando que a disciplina é importante porque impede o homem de cair em certa selvageria, isto é, numa animalidade. A disciplina, entretanto, pode ser ainda negativa, fazendo o ser humano mudar forçosamente seu comportamento, sem o uso da razão. Trata-se de uma mudança sem liberdade por parte do indivíduo. A respeito da instrução, Kant destaca que ela faz com que o educando perceba e interiorize as leis morais que o cercam, visando assim torná-lo um ser de caráter, um ser moral. Desse modo, para chegar ao ponto final da educação é necessário unir a disciplina com a instrução.

Além dessas questões, Kant diz ainda que a pedagogia ou a educação encontra-se dividida em duas partes notadamente diferentes: *física* e *prática*. A educação física é entendida como tudo aquilo que o homem (ser racional) apresenta em comum com os animais, ou seja, são os cuidados que o indivíduo tem com sua vida, enquanto ser constituído de matéria corporal. A educação prática ou moral refere-se à construção do homem em si, tendo a sua finalidade voltada para o caráter e para que o homem possa viver como um ser livre, mantendo suas relações de forma justa com os demais sujeitos sociais.

Face ao exposto, concordamos com Caballero (1980) ao dizer que a excepcional contribuição da pedagogia filosófica kantiana está em haver demonstrado a espontaneidade criadora da consciência e as leis ou princípios, segundo a qual esta, ativamente, se eleva, educando-se aos bens da cultura. Com isso, Kant apresenta o fundamento filosófico do neo-humanismo e as bases epistemológicas da “pedagogia ativa”, também chamada de “pedagogia escolanovista” ou “pedagogia renovada”. “Inspirada nas ideias de Rousseau, agrupa várias correntes pedagógicas que advogam a renovação escolar, opondo-se à chamada *pedagogia tradicional*” (LIBÂNEO, 1991, p.61).

Em linhas gerais, pode-se assegurar que Kant representou a consciência amadurecida do Ocidente, uma vez que compreendeu o sentido e o alcance da Revolução Americana (século XVII) e da Revolução Francesa (século XVIII), as quais deram o “tiro de misericórdia” às sobrevivências feudais e ao despotismo esclarecido³ de suas épocas históricas, respectivamente. Dessa forma, a filosofia posterior teria de contar com Kant e aceitar os seus princípios em respeito ao universalismo humanista, aos ideais de paz e à tolerância religiosa. Daí Kant ser considerado o maior “pensador da modernidade” (CHÂTELET, 1994), tendo em vista o seu pensamento arrojado e inovador para sua época.

Ética, moral e educação escolar sob o prisma kantiano: algumas imbricações filosófico-pedagógicas

Nos dias atuais, tem sido muito comum a realização de simpósios, congressos, conferências e inúmeros outros eventos científicos similares, com o objetivo de refletir acerca de uma temática que emerge em todas as direções e sentidos: a questão da ética. Comenta-se, também, com acentuada frequência, que o maior problema do Brasil, por exemplo, é a ausência de moral e que a inversão de valores e princípios humanos, entre outros assuntos correlatos, vem provocando a desagregação tanto da família secular (pai,

³ Regime de governo adotado em alguns países da Europa Oriental e na Península Ibérica no século XVIII, mais precisamente durante o período que se estende por volta de 1750 até o início da Revolução Francesa, em 1789. Foi uma tentativa de reformar o Estado Absolutista pelo próprio Estado, procurando-se conciliar absolutismo e liberalismo. Os “déspotas esclarecidos” (soberanos absolutos) colocaram em prática algumas reformas, influenciados pelo espírito liberal do século XVIII, expresso na filosofia iluminista (PERUTTI, 2004).

mãe e filhos) quanto da sociedade como um todo, influenciando sobremaneira o campo educacional.

Diante dessas afirmações, consideramos ser fundamental que os educadores possam refletir e debater questões de tão alta relevância no espaço educativo escolar, uma vez que, implícita ou explicitamente, cabe ao professor o papel de transmitir valores no exercício de sua ação pedagógica.

Assim, para que se possa melhor compreender as relações existentes entre ética, moral e educação escolar num contexto mais amplo e abrangente, faz-se necessário, em primeiro lugar, definir cada um desses termos para, em seguida, discorrermos sobre as suas imbricações filosófico-pedagógicas. O principal ponto de partida é as ideias de Kant, bem como as concepções de outros estudiosos da Filosofia, principalmente no que diz respeito à ética, moral e educação escolar.

Ética

Durante muito tempo, discutiu-se acerca das dificuldades de algumas teorias que versam sobre ética e ética profissional serem aplicadas em um contexto de grande desigualdade social e econômica. Portanto, para compreendermos o surgimento histórico e a importância da ética no contexto social e o seu principal objetivo na educação escolar e na autoformação do homem para viver em sociedade enquanto ser integral e uno, torna-se imprescindível, antes, refletir sobre o significado de *ética*. Termo originário do vocábulo grego *ethos*, significa assentamento, bem comum, hábito, temperamento, caráter, modo de pensar, classe particular de virtudes humanas ou conjunto de regras/princípios que guiam as ações humanas em geral (PEREZ, 2005).

Segundo Valls (1994, p.7), ética pode ser conceitualmente definida como a “ciência das virtudes e da moral ou a arte de determinar valores, costumes e hábitos a serem praticados por certas pessoas ou grupos de indivíduos num contexto social”. A ética, em geral, é tida como a parte da Filosofia que se dedica a pensar as ações humanas e os seus fundamentos, levando em consideração os fenômenos morais. O seu aparecimento nas sociedades primitivas apresentava a necessidade de uma valorização

humana, procurando formar nos sujeitos sociais uma consciência crítica para que pudessem avaliar seus valores enquanto membros integrantes de um determinado grupo social.

Com a origem da Filosofia na sociedade ateniense, deu-se o surgimento de uma nova época histórica na qual a ética ganhou campo e espaço nas academias dos grandes filósofos clássicos (Sócrates, Platão, Aristóteles, entre outros). Passou, inclusive, a ser discutida e estudada com o objetivo de encontrar o seu lugar na sociedade e exercer sobre o homem certa cobrança de postura, de responsabilidades e de dignidade humana para assim torná-lo, realmente, consciente de seus direitos e deveres como cidadão.

Nos dias atuais, pode-se observar que a questão da ética tem sido muito mencionada no campo da política, da saúde, da educação etc. Mas, em contrapartida, na prática cotidiana, a ética ainda tem se mostrado deveras utópica, isto é, muito distante de ser verdadeiramente praticada pelas pessoas no convívio social.

É interessante destacar que reflexões dessa natureza podem ser encontradas na obra intitulada *Sobre a pedagogia*, de autoria de Immanuel Kant. São contribuições significativas para que possamos chegar a uma compreensão do que é realmente a ética e quais são as suas finalidades principais. Segundo Kant (1790), é a partir do estado de animalidade e pelo cultivo das suas faculdades pela didática ética e a educação moral que o homem pode tornar-se esclarecido. Em outras palavras, isso significa dizer que para agir eticamente será necessário, portanto, aprender a manejar diversos assuntos que requerem investigação e reflexão. Tal procedimento, em suma, nada mais é do que a aplicação da ética, requisitando a educação e a moral e recorrendo à didática ética.

Sobre essa questão, pode-se ainda argumentar, em linhas gerais, que

A grande característica do pensamento ético de Kant parece ser uma ética purificada de tudo que possa advir dos estudos sobre Antropologia, Psicologia, Biologia, História ou qualquer outro estudo de cunho empírico. Entretanto, como um representante do Iluminismo, Kant nunca buscou negar o lugar essencial, na ética, de um estudo empírico do homem. Ele apenas criticou prontamente os moralistas que ignoraram a natureza humana, como outros assim também o criticaram (OLIVEIRA, 2004, p.12).

Se a ética é o estudo dos fundamentos da ação humana (PASCAL, 1983; MARCONDES, 2007), torna-se possível considerar que um dos grandes problemas da ética seja o da relação entre os sujeitos sociais e as regras criadas e impostas pela própria

sociedade de classes. Isso ocorre porque, no dia a dia, tal relação se dá de maneira muito tensa e conflituosa, pois todo estabelecimento de norma ou lei moral implica, mesmo que indiretamente, certa redução de liberdade. Embora seja difícil e complexo, entendemos que é de competência prioritária das instituições sociais (família, igreja, escola e Estado) encontrarem diferentes formas de resolver as relações de conflito existentes entre ética e sociedade, tendo em vista o desenvolvimento de uma convivência sadia, harmoniosa e equilibrada entre os sujeitos sociais.

A ética possibilita a realização da análise crítica de fatos a partir da atribuição de valores por parte dos sujeitos sociais. Nesse sentido, corroboramos com Bornheim (1997, p.247) ao afirmar que:

[...] a ética pode ser ao mesmo tempo especulativa/normativa e propositiva, objetivando a busca da autonomia. Por isso, a ética contribui no desenvolvimento de atitudes, mas pode ser também transgressora, quando valores impostos pela sociedade se configuram como instrumentos de repressão, violência e/ou injustiça.

Em outras palavras, isso significa dizer que a reflexão ética no espaço educativo escolar deve ter como foco de interesse a ação individual ou coletiva dos indivíduos, na perspectiva da Filosofia. Mais do que ensinar valores específicos, trata-se de mostrar que o agir humano fundamentado propicia consequências melhores e mais racionais do que o agir sem razão e/ou ausente de justificativas coerentes.

Estendendo essas reflexões para a escola de Ensino Fundamental e Médio dos dias atuais, torna-se profícuo chamar a atenção para os novos desafios impostos à ética na vida social, principalmente quando enfrentamos, por exemplo, a contradição existente entre o projeto de construção de sociedades livres e democráticas e o crescimento dos fundamentos religiosos e das ideologias políticas que visam a uma nova (re)ordenação dos espaços públicos e privados na sociedade capitalista contemporânea.

Em síntese, faz-se necessário que a ética seja parte integrante da vida cotidiana dos educandos e da prática pedagógica dos professores e demais profissionais da educação que lutam, militantemente, pela construção de uma sociedade mais justa, equânime e democrática. É, pois, fundamental que todos os educadores reconheçam a importância de seu papel na sociedade de classes como responsáveis diretos pela transformação do mundo e do meio social no qual estão inseridos. Dizemos isso, porque acreditamos, assim como Rios (1994) e Monaco (2006), que um mundo mais humanizado será, conseqüentemente, um mundo muito mais ético e justo se houver profissionais da

educação competentes o suficiente que busquem fazer da escola e da sociedade verdadeiros espaços de convivência harmoniosa e equilibrada, tendo plena consciência de seus direitos e deveres sociais, éticos, morais, políticos, religiosos etc.

Ética e moral

Face às considerações até aqui expostas, cabe-nos então efetuar alguns apontamentos referentes às relações existentes entre ética e moral. Em primeiro lugar, é interessante ressaltar que, “ao contrário da ética, a moral é normativa, sendo definida como o conjunto de princípios, normas, imperativos ou ideias morais de uma época ou de uma sociedade determinadas” (SOUZA, 1993, p.24). Derivada da palavra latina *mos/moris*, que significa usos e costumes, código, comportamento ou natureza interior, a moral, na concepção de Pereira (1998), refere-se, em suma, a tudo aquilo (ato, comportamento, fato, acontecimento etc.) que realiza o homem, que o enraíza em si mesmo. Por ele e para ele, ganha sentido humano, uma vez que está vinculada ao trinômio cultura/história, sociedade e natureza humana.

Ter conhecimento acerca da diferença conceitual entre ética e moral faz-se extremamente necessário, na medida em que a filosofia moral⁴ geralmente contempla repetições de regras que todos já conhecem, sendo excessivamente tediosa quando as pregações realizadas nos púlpitos, por exemplo, se tornam vazias em seu conteúdo, caso o pregador não observe a dimensão humana presente nesse contexto.

Para que se possa melhor compreender o papel da moral e suas imbricações filosófico-pedagógicas com a ética, é fundamental tomar como referência a terceira parte da obra intitulada *Sobre a pedagogia*, na qual Kant (1790) apresenta o seu conceito de ética e educação moral, fazendo conexões com aspectos de cunho pedagógico inerentes ao contexto educativo escolar.

Na supracitada obra, Kant considera que o homem deve, antes de tudo, colocar em ação as suas disposições para a prática do bem e não do mal (atitude moral). Afirma que a providência divina não as colocou prontas e acabadas nos seres humanos, mas propiciou condições favoráveis para que as possamos desenvolver de forma eficaz e

⁴ Estudo sistemático de argumentação sobre como os sujeitos sociais devem agir.

eficiente. Destaca também que a educação é o maior e o mais árduo problema que pode ser proposto aos homens.

Além dessas questões, Kant discorre ainda sobre o descaso com que é tratada a questão da moralidade⁵ nas escolas, uma vez que geralmente se ensina às crianças aquilo que se julga ser essencial por parte dos adultos ou do sistema escolar mais amplo, deixando-se o entendimento da moral apenas para os pregadores religiosos. Completando essa observação, Kant enfatiza que Deus é o ser soberanamente santo e, por isso, quer somente o que é bom para os seres humanos, exigindo assim que pratiquemos a virtude pelo seu valor intrínseco e não simplesmente por uma questão de imposição, ordem ou regra estabelecida.

Ademais, o filósofo alemão também constata, em sua época, que a felicidade dos Estados cresce na mesma medida em que aumenta a infelicidade dos homens. Com base nessas observações, Kant (1790) chega a uma importante conclusão: para que os homens em geral se tornem morais e sábios e, portanto, felizes, é preciso que eles sejam educados, tendo em vista que

Com a educação presente, o homem não atinge plenamente a finalidade da sua existência [...]. Podemos trabalhar num esboço de uma educação mais conveniente e deixar indicações aos pósteros, os quais poderão pô-las em prática pouco a pouco. (PASCAL, 1983, p.17-18)

Desse modo, Kant inicia as suas discussões sobre a educação moral. Salienta que a educação moral não se fundamenta sobre a disciplina e assegura que se perde tudo quando se quer fundamentá-la com exemplos, ameaças, punições etc. Dessa forma, torna-se um mero adestramento. Isso significa dizer que, na educação moral kantiana, é preciso que os professores fiquem atentos para que os alunos realizem ações segundo as suas próprias concepções e não por simples hábito. Que não façam simplesmente o bem, mas o pratiquem porque é bem em si. Assim, todo o valor moral das ações, para Kant, reside no bem.

No segundo tópico deste artigo, mencionamos que o livro *Sobre a pedagogia*, de Immanuel Kant, encontra-se estruturado em três partes distintas, a saber: introdução,

⁵ Conjunto de princípios morais socialmente estabelecidos: boas ações, virtudes, honestidade etc (SANTOS, 2004).

educação física e educação prática. Entre a *educação física* e a *educação prática* existe uma diferença básica. A primeira refere-se à educação do corpo físico e é passiva em relação ao aluno. Já a segunda diz respeito à educação ética e moral e é ativa, sendo necessário que o educando esteja atento para os fundamentos e as consequências das ações praticadas a partir do conceito do *dever* (KANT, 1790).

De acordo com Kant, o primeiro esforço da cultura moral é lançar os fundamentos do caráter, o que exige muitos conhecimentos por parte de pais e professores. Para ele, o caráter consiste no hábito de agir segundo certas concepções morais, as quais são, em princípio, as da escola e, mais tarde, as da humanidade. Nesse sentido, concordamos com Oliveira e França (1997) e Walker (1999) quando dizem que para formar o caráter das crianças é preciso mostrar-lhes, em todas as coisas, certas leis morais que devem ser seguidas fielmente, visto que a educação moral é o agente responsável pelo nível de confiabilidade entre os homens.

Com base nas concepções de Kant (1790) acerca da educação moral, entendemos que os professores devem se esforçar ao máximo para que os alunos cumpram os seus deveres sociais em sentido amplo, inclusive as tarefas escolares, por uma questão de respeito, bom senso, iniciativa própria e consciência. E não simplesmente como a obrigatoriedade de um dever a ser cumprido por determinação ou normatização imposta por algum órgão governamental ou por alguém detentor de poder ideológico. Todavia, isso não significa dizer que, em casos especiais, muitas coisas não devam ser prescritas aos alunos como dever (no sentido de alguém que exerce certo tipo de autoridade sobre o outro). Mas, é preciso não esquecer que o entendimento pleno dos alunos sobre o agir por dever (no sentido de não autoritarismo exercido pelo professor) somente será possível com o passar do tempo, uma vez que a consciência moral de qualquer indivíduo é formada a partir da influência, positiva ou negativa, da cultura e do meio social.

Embora Kant considere que falar a respeito do dever às crianças é “trabalho perdido”, visto que elas geralmente concebem o dever como algo cuja transgressão acarreta sempre uma punição (castigos), acreditamos que desde cedo as crianças devem, em casa e na escola, receber informações e instruções sobre seus direitos e deveres para que assim possam, aos poucos, formar o seu senso moral a respeito das coisas e das pessoas que as cercam. Em outras palavras, para que possamos solidificar firmemente o

caráter das crianças, faz-se necessário ensinar-lhes, por meio de exemplos e regras morais, os deveres costumeiros a cumprir em relação a si mesmas e às demais pessoas.

Sem a pretensão de esgotar o assunto em pauta, pode-se dizer ainda em última instância que

Com a educação moral, é preciso fazer as crianças, adolescentes e jovens conhecerem seus deveres para que possam por eles se animar e se estimular. Eles devem alegrar-se pelo bem comum geral, de forma que o mesmo seja vantajoso para a Pátria e/ou para si mesmos. É preciso orientá-los, enfim, sobre a necessidade de todo dia examinar a sua conduta ética e moral, para que assim possam fazer uma apreciação do valor da vida, ao chegar ao seu término (MENEZES, 2000, p.10).

Ética, moral e educação escolar

Diante das reflexões apresentadas até o presente momento, cabe-nos indagar: quais relações, afinal, podem ser estabelecidas efetivamente entre *ética, moral e educação escolar*?

Na obra *Sobre a pedagogia*, Kant (1790) descreve com riqueza de detalhes os estágios ou as divisões da educação (cuidado, disciplina ou treinamento, civilização e moralização), usando várias palavras sinônimas para se referir, em linhas gerais, ao processo educativo escolar. Pode-se observar que seu termo favorito é “educação”, mas ocasionalmente também utiliza “pedagogia”, “doutrina da educação” e “arte da educação” como expressões substitutas.

Quando Kant se refere ao *cuidado* para dizer que os pais devem educar as crianças como uma parte da natureza, à *disciplina* ou *treinamento* para fazer referência à formação de hábitos positivos, à *civilização* como formadora de habilidades e à *moralização* como uma passagem, ainda distante, dos sujeitos sociais para o reino da liberdade, somos levados a entender que ele nos deixa uma mensagem. Tal mensagem diz respeito ao método de educação prática; a moral vinculada à ética e vice-versa, de modo que ambas estão diretamente relacionadas à educação. Pois é somente pelo processo educativo, com a presença de regras, normas e leis que o homem pode tornar-

se verdadeiramente homem, ou seja, uma pessoa responsável e consciente de seus direitos e deveres enquanto cidadão inserido na sociedade de classes.

Além dessas questões, pode-se identificar que Kant valorizou a educação familiar como base da formação do indivíduo social, pois ela é o elemento das repressões necessário para disciplinar e colocar limites nas crianças, atribuindo à escola outras finalidades. À educação escolar, segundo Kant (1790), cabia formar no homem a cidadania e tratar de todos os assuntos que dizem respeito ao ser humano e ao Estado, e não simplesmente conduzir os alunos a uma crença ou ideologia imposta. Isso implica assegurar, de acordo com Cambi (1999, p. 362), que “o objetivo da educação, para Kant, é transformar a animalidade em humanidade pelo desenvolvimento da razão; tal objetivo, porém, não se atinge *por instinto*, mas somente pela *ajuda de outrem*”.

É nesse sentido que o papel do professor, como mediador entre o conhecimento de senso comum trazido pelo aluno e o conhecimento científico transmitido pela escola, torna-se fundamental. É pela intervenção do professor no processo educativo escolar que os alunos (re)constróem conhecimentos e podem desenvolver uma conduta ética e moral positiva, necessária à sua inserção ativa e participativa na sociedade. Dizemos isso, porque entendemos que a educação escolar deve valorizar o educando como um ser integral, e não apenas preocupar-se com sua formação técnico-científica para o trabalho. Portanto, a educação, com base nessa visão holística, estará preparando o homem para uma atividade essencialmente prática, uma vez que

A instrução deve, depois, valorizar a memória ao lado da inteligência e iniciar também a educação moral através da adaptação da conduta às “máximas” que devem tender para a formação do caráter, o qual se afirma como a “submissão a uma vontade reconhecida como racional e boa”. Esta consciência moral é preparada pela educação através da valorização da criança pelas suas atitudes, como a “vergonha”, a “sinceridade” e a “sociabilidade” (CAMBI, 1999, p.364).

Assim sendo, a educação escolar, sob a ótica kantiana, é um todo complexo que amplia uma discussão sobre a construção do homem moral, retratando que o sujeito social só pode ser conduzido pela moral quando ela é a sua própria consciência. Nesse contexto, pode-se concluir que o principal papel da educação, nos dias atuais, é educar os alunos para a conquista de sua autonomia, a fim de que eles tenham plenas condições de

expressar a sua individualidade. Além disso, a educação fornece aos educandos os instrumentos necessários para o desenvolvimento de sua criatividade e capacidade de análise crítico-reflexiva.

Em termos didático-pedagógicos, isso significa dizer que as universidades, em geral, necessitam urgentemente superar os erros porventura cometidos pela denominada “pedagogia tradicional”. Deve propor, como solução, um “novo olhar” sobre os cursos de formação inicial e continuada de professores, a fim de preparar os docentes e futuros professores de forma eficiente para a nova era que emerge, com a globalização e as tecnologias digitais. É preciso, pois, aprender a partir dos erros identificados e *pensar-fazer* uma educação escolar que possa se desenvolver num contexto linguístico, social, ético e moral que estejam condizentes com as reais exigências do mundo contemporâneo e as necessidades humanas mais imediatas (BANNELL, 2001).

Nessa perspectiva, tanto a família dos educandos quanto a instituição-escola apresentam, ambas, uma grande responsabilidade para com a educação dos aprendizes, em termos de desenvolvimento biológico, cognitivo, ético, moral, afetivo, motor, psicossocial etc. Com base nas concepções de Kant (1766; 1790), acreditamos que as crianças necessitam aprender e cumprir rigorosamente certas regras, normas e leis sociais, de tal forma que as condutas éticas e morais devam ser compreendidas em sua essência para que assim possam ter valor e significado reais. Dizemos isso, porque os ensinamentos éticos e morais, transmitidos pela família e pela escola, fazem com que os alunos tenham compromissos, primeiramente, com eles próprios e depois com as demais pessoas em seu convívio social. Daí a participação ativa dos adultos (pais e professores) na educação escolar das crianças ser uma atividade de extrema importância, levando-se em conta o fato que

[...] uma geração educa a outra a ter uma disciplina ética e moral, saindo de um “estado de animalidade” para um “estado de humanidade”; visto que o homem não é senão aquilo que ele faz de si mesmo: apresenta inclinação para todos os tipos de vícios, mas possui também a razão que o move noutro sentido, o do bem (HUBERT, 1976, p.274).

Face ao panorama delineado, entendemos que a educação escolar, ao lado da ética e da moral, tem o árduo compromisso de procurar desenvolver nos alunos as suas capacidades, habilidades e competências individuais. Com isso, objetiva-se assim formar o homem racional, consciente de si, conhecedor de seus direitos e deveres como cidadão e capaz de agir com criatividade, responsabilidade, autonomia e senso crítico perante às pessoas e aos acontecimentos sociais.

Em linhas gerais, pode-se concluir, enfim, que o processo ensino-aprendizagem, na perspectiva kantiana, possui duplo papel: 1º) educar-se para si, quando a educação assume o desafio de formar, de modo integral, o homem-indivíduo com seus valores éticos e morais; e 2º) educar-se para o outro, quando a educação tem o compromisso de pensar sobre cidadania em toda sua amplitude e complexidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

À medida que este artigo ia adquirindo forma e sentido, fortalecia-se cada vez mais a concepção de que o pensamento filosófico-pedagógico de Kant (1790), contido na obra *Sobre a pedagogia*, em particular, apresenta uma importância capital para a realidade social e educacional dos dias atuais. Há uma relação umbilical entre ética, moral e educação escolar, de forma que cada elemento dessa tríade contribui de igual modo para o desenvolvimento integral e a convivência harmoniosa e equilibrada dos seres humanos em sociedade.

O homem é um animal racional e sociopolítico que estabelece relações interpessoais de maneira bastante diferenciada. A vida coletiva caracteriza, em si, a própria existência humana. No entanto, mesmo na mais absoluta solidão, pode-se manter certos vínculos com a realidade objetiva existencial, por intermédio da memória e da ‘construção’ de um mundo que imite o real concreto.

Nesse sentido, é possível dizer que a ética permeia toda e qualquer forma de convivência humana. É por meio dela que se originam normas de conduta que visam o convívio social saudável e idealizam o bem comum, a justiça, a igualdade de direitos e deveres, a solidariedade, entre outros princípios básicos. As regras morais, por sua vez, se diferenciam das leis jurídicas. Embora ambas tenham surgido da necessidade humana de

organizar as comunidades – compostas por pessoas que pensam e agem de modos diferentes – de forma notadamente diversificada no decorrer de cada época histórica, houve uma distinção entre a natureza das funções e a aplicação efetiva das regras morais e das leis jurídicas.

As ações individuais e coletivas são reguladas e mantidas tanto pela ética quanto pela moral, as quais apresentam características bastante semelhantes. Tais semelhanças fazem com que, erroneamente, os termos *ética* e *moral* sejam muitas vezes definidos como sinônimos. Entretanto, é preciso considerar a distinção conceitual e a aplicação prática que há entre esses vocábulos e as suas imbricações com a educação escolar.

Diante dos inúmeros desafios que enfrentamos cotidianamente e no momento de decidir *como*, *quando* e *por que* realizar uma ação, exercitamos o nosso senso moral, avaliando assim os efeitos/impactos das atitudes tomadas por intermédio dos princípios de bem e mal, justo e injusto, certo e errado, entre outros. Isso significa dizer que cada ser humano é, portanto, agente e paciente no processo de construção da moralidade e dos pressupostos éticos que norteiam a vida em sociedade (SAMEIRO, 2010).

Face ao exposto, torna-se necessário salientar ainda que cada sujeito social é capaz de fazer suas próprias escolhas com acentuado teor de prudência e convicção, evitando assim preconceitos e julgamentos falaciosos. Em outras palavras, o ser humano é, pois, o único animal racional capaz de formular e recriar princípios éticos de conduta social porque é dotado de capacidades, habilidades e competências suficientes para lidar eficientemente com normas, regras e leis, num contexto social e escolar moralmente determinado para esse fim.

REFERÊNCIAS

ARANHA, M. L. A. **História da educação**. 2.ed. São Paulo: Moderna, 1996.

ARROYO, F. **História da educação e da pedagogia**. São Paulo: Editora Mestre Jou, 1974.

BANNELL, R. I. Pluralismo, identidade e razão: formação para a cidadania e a filosofia política contemporânea. In: PEIXOTO, A. J. (Org.). **Filosofia, educação e cidadania**. Campinas: Editora Alínea, p.155-211, 2001.

BORNHEIM, C. **Filosofia no ensino médio**. Petrópolis: Vozes, 1997.

As relações entre ética, moral e educação escolar sob a ótica de Immanuel Kant: uma análise filosófico-pedagógica

CABALLERO, A. **A filosofia através dos textos**. 3.ed. São Paulo: Cultrix, 1980.

CAMBI, F. **História da pedagogia**. São Paulo: Editora da UNESP, 1999.

CHÂTELET, F. **Uma história da razão**: entrevistas com Émile Noël. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994.

HUBERT, R. **História da pedagogia**. São Paulo: Companhia Editorial Nacional, 1976.

KANT, I. **Réflexions sur l'éducation**. Paris: Vrin, 1766.

_____. **Critique d'ouï raison pur**. Paris: Vrin, 1780.

_____. **Qu'est éclairer?** Paris: Vrin, 1784.

_____. **Über pädagogik**. Paris: Editora Garnier-Flammarion, 1790.

LIBÂNIO, J. C. **Didática**. 2.ed. São Paulo: Cortez, 1991. (Coleção Magistério 2º Grau – Série Formação do Professor).

MARCONDES, D. **Textos básicos de ética**: de Platão a Foucault. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2007.

MENEZES, E. **História e esperança em Kant**. São Cristóvão: Editora da UFS/Fundação Oviêdo Teixeira, 2000.

MONACO, S. A. S. Ética, formação do professor e complexo social. In: MEIRA, A. C. H. (Org.). **Ética**: ensaios interdisciplinares sobre teoria e práticas profissionais. São João da Boa Vista: Editora da UNIFEQB, p.81-88, 2006.

OLIVEIRA, A. M.; FRANÇA, C. Moral: como é que se ensina isso? In: **Revista Amae Educando**. Belo Horizonte: Editora da Fundação Amae Educando, ano XXX, n.266, p.26-27, abr./1997.

OLIVEIRA, S. M. **Ética, moral e filosofia**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2004.

PASCAL, G. **O pensamento de Kant**. Petrópolis: Vozes, 1983.

PEREIRA, O. **O que é moral**. São Paulo: Brasiliense, 1998. (Coleção Primeiros Passos – v.244).

PEREZ, D. O. **Kant no Brasil**. São Paulo: Editora Escuta, 2005.

PERUTTI, F. **Tempo & espaço**: história – ensino médio. São Paulo: Saraiva, 2004.

RIOS, T. A. **Ética e competência**. 2.ed. São Paulo: Cortez, 1994. (Coleção Questões da Nossa Época – v.16).

ROUSSEAU, J. J. **Émile ou de l'éducation**. Paris: Editora Garnier-Flammarion, 1762.

SAMEIRO, J. **O princípio da ação moral sob a ótica kantiana**. Disponível em: <<http://www.sofilosofia.com.br>>. Acesso em: 12 jul. 2010.

SANTOS, C. R. **Ética, moral e competência dos profissionais da educação**. São Paulo: Avercamp, 2004.

SOUZA, L. A. G. A educação e a emergência de uma nova ética. In: **Revista de Educação AEC: ética, educação, crise e recriação**. Brasília: Editora da AEC, ano 22, n.86, p.20-25, jan./mar., 1993.

VALLS, A. L. M. **O que é ética**. 9.ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Coleção Primeiros Passos – v. 177).

WALKER, R. **Kant e a lei moral**. São Paulo: Editora da UNESP, 1999.

ZINGANO, M. **Razão e história em Kant**. São Paulo: Brasiliense, 1989.